JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DE GUIMARÃES E O DE MAIOR EXPANSÃO NO CONCELHO

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1057

GUIMARÃES, 20 de Abril de 1952

Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-A Tel., 4313

Comp. e Imp., *Tip. Ideal.* Tel., 4381

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

CRÓNICAS RURAIS

Sobre o trabalho rural

Fui há dias ouvir a lição de apresentação de um velho Mestre que retoma a Cátedra. Saí de lá maravilhado!

E estou a ouvi-lo ainda:

«O técnico agrícola deve ir buscar ao trabalhador rural a força para lutar. Ninguém como ele nos mostra o que é amor à terra».

E lembrei-me do trabalhador minhoto, a quem dedico esta crónica de hoje.

Nasci na aldeia, nela cresci e me fui habituando a admirar o trabalho exaustivo desses homens rudes, que amam o bocado de terra que cultivam quase mais do que a própria vida.

Exemplo edificante o desses homens, que labutam de sol a sol, em trabalhos duros e que não arranjam mais do que para comer mal e vestir pior.

Mas trabalham sempre, vergados ao peso da enxada ou agarrados às rabiças da charrua, encharcados pela chuva ou crestados pelo sol ardente de verão.

E cantam...

Felizes homens, que ainda encontram na vida encantos para cantar!

Ou cantarão para esquecer as suas amarguras?

Oh! Talvez não, eles são felizes na sua miséria.

Há dias folheei um livro do Eng. J. A. de Oliveira e Silva. Chama-se *Níveis de vida do trabalhador português*», e nele o autor faz o estudo de 176 famílias rurais, para tirar conclusões sobre o seu nível de vida. Dele tiro as seguintes frases:

«Dentre as famílias por nós estudadas, cerca de 43 % estavam sub-alimentadas».

«Do que atrás dissemos, verifica-se que a grande maioria das classes rurais, no minho, se alimentam muito mal». Quanto a vestuário diz: — «Vestem-se com o mínimo de roupas indispensável, que em muitos casos chega a revestir o aspecto andrajoso».

Tristes verdades! Eu estou a ver as suas refeições: Caldo, boroa (o «pão nosso de cada dia», para obter o qual, tanto trabalham) umas batatas, as tais batatas que eles plantaram, estrumaram e adubaram, sacharam, sulfataram (este ano não farão isso pois não terão possivelmente 12$00 para comprar um quilo de sulfato!) e que lhes pagam a $50 o quilo, uma cebola com sal e, raramente, uma sardinha comida com lentidão para a fazer render, ou um bocado de bacalhau salgado.

Quanto a vinho, esse vendeu-se para dar uns cobres (é dos únicos produtos que os dá!) que permitam comprar uma vaquita.

E estou a ver o vestuário, rasgado, ou, com tal número de remendos, que nem se consegue saber qual a primitiva fazenda, vejo creanças descalças chapinando na lama dos caminhos com os pés roxos de frio.

Quanto à habitação, vou transcrever o que diz o Prof. Castro Caldas no «*Inquérito à Habitação Rural*», ao descrever os aglomerados populacionais do alto Minho:

«Conjuntos de aspecto pobre, senão miserável, confundem-se com as manchas cinzentas das penedias de granito e somente uma ou outra casa, capela ou igreja, ostentando o luxo de uma demão de cal, os fazem notar à distância.

Retalhados de caminhos de piso irregular, encharcados de água que, no inverno, vai limar os prados e, no estio, regar o milho, atravancados de lenhas e estrumes — passeio de homens e animais e recreio de crianças sujas, piolhosas e assustadiças que precocemente saem do berço, a gatinhar, para acompanhar porcos e galinhas — estes aglomerados populacionais oferecem o espectáculo de quase todas as condições de que os homens se rodeavam em tempos remotos».

Não é fantasia, senhores opulentos, que se sentam a lauta mesa, que aborrecem os *hors d'oeuvres* ou as *mayonaises* e que mudam de carro com mais frequência que os trabalhadores mudam de camisa!

Desçam do pedestal a que a fortuna os elevou e procurem observar.

E, sobretudo, ao verem as tulhas cheias e os toneis atestados, lembrem-se de quanto suor isso representa.

Pobre Lavoura! Pobre Lavoura! A Lavoura é bem «a arte de empobrecer alegremente». Continua trabalhando, lavrador minhoto, e... empobrece alegremente, cantando sempre, completando o quadro maravilhoso da natureza que te rodeia com a música das tuas canções.

Hão-de por certo reparar em ti e hão-de ajudar-te.

Hão-de reconher que a Lavoura é a base da riqueza nacional e hão-de protegê-la.

Se o não fizerem, pobre de ti e... pobres de nós todos.

J. C.

A explicação

Depois de substituída a direcção do jornal, para sempre conspurcado pela nódoa indelével de um insulto repugnante à memória de um grande estadista e excelsa figura da República, veio agora a explicação que tínhamos reclamado como imperativo de honra em que a própria dignidade dos vimaranenses estava comprometida.

E a explicação é baixa, como baixo foi o insulto.

António José d'Almeida era um impulsivo, um exaltado que, na defesa do que ele julgasse ser o supremo interesse da República, se deixava arrebatar, fosse no seu verbo eloquente e clamoroso, ou na sua pena fluente e fulgorosa, até aos últimos extremos da violência. Mas, acalmada a rajada da tempestade, ressurgia sempre, dominadora e definitiva, a justiça da sua inteligência e do seu grande coração, o reconhecimento da verdade que nunca pensou ou quis trair, e, afinal, a generosidade e pureza do seu carácter, que resistiam inabaláveis no recôndito das mais empolgantes e retumbantes objurgatórias.

1914 era uma época de lutas apaixonadas; todos lutavam pela República até à loucura e loucos houve que chegaram a acusar nos tribunais homens da envergadura moral e social de Afonso Costa; mas acusar sem razão é um acto que só infama o acusador; os tribunais não podem deixar de receber a queixa, e quando a repelem negando a pronúncia por falta de quaisquer indícios de culpabilidade, o acusado nada perdeu no respeito que é devido à sua honra imaculada; Afonso Costa nunca foi pronunciado.

Em 1916, António José de Almeida presidiu o ministério da união sagrada; e Afonso Costa não lhe negou a solicitada colaboração, aceitando fazer parte do seu governo. Os dois reconciliaram-se, fizeram-se mùtuamente justiça, trabalharam juntos, ambos com o mesmo e absorvente espírito de se sacrificarem pela salvação e glorificação da Pátria, cujos filhos se batiam e morriam em defesa da liberdade nos campos de batalha.

António José de Almeida nunca mais deixou de ser justo para Afonso Costa e, durante todo o tempo em que ocupou a presidência da República, de respeitar e honrar o Partido de que Afonso Costa fazia parte, reconhecendo os seus altos e inesquecíveis serviços a bem do país e da República.

Lembrar palavras de exaltação momentânea, deixando na sombra os actos, que as renegam e desmentem, daqueles próprios que as proferiram ou escreveram, não dignifica quem de tais artifícios se socorre, seja para o que for, mas principalmente se é para se desculpar de calúnias e mentiras.

A explicação agrava o insulto; é uma afronta mais que se acrescenta à primeira.

M.

Anuncial no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

Presidente da República

O Senhor General Francisco Higínio Craveiro Lopes, festejou, no dia 12, o seu 58.º aniversário natalício e foi, por tal motivo, muito cumprimentado e felicitado.

A Sua Ex.ª o Presidente da República apresentamos também e por tal motivo os nossos respeitosos cumprimentos.

MARECHAL CARMONA

Um ano passou já — completara-se anteontem — sobre o desaparecimento desta notável figura de Português, que foi o Presidente da República Portuguesa durante um quarto de século.

O País recorda-o com saudade e todos os seus concidadãos se curvam, na passagem de uma data que marca um lutuoso acontecimento na vida da Nação, respeitosamente ante a sua memória.

CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS

Numerosos amigos nossos e alguns distintos colaboradores tiveram a amabilidade de apresentar-nos, pessoalmente e por escrito, os seus cumprimentos na passagem da quadra da Páscoa.

A todos, com os nossos agradecimentos, expressamos os votos de muitas felicidades.

Vária

Caso grave ou gravíssimo

Ainda não é o sinal de alarme, nem açodado chamadoiro dos sinos a rebate; apenas, como em linguagem militar, o de «sentido!». Chega-me a informação, ou atoarda, de que, sobretudo no meio forense, andam sobressaltos de que sejam desanexadas certas freguesias do concelho para restringir o número das que constituem a Comarca, por não ser comportável o serviço de todas a uma só vara civil ou seja apenas a um Juiz de Direito, vindo nós assim a ficar com uma divisão judicial diferente e menor do que a da actual divisão administrativa. Já, aqui mesmo, há bastantes meses, eu mostrei a inconveniência teimosa em se não reconhecer, oficialmente, de que um só Juiz de Direito não bastava para o serviço da Comarca, e a necessidade imperiosa de, por esse facto inegável, se criar, como se tem feito em outras comarcas, uma nova vara civil, ou proceder-se à separação do serviço de natureza civil do criminal. Eu sei que, sobre Guimarães, já caiu, há anos, um anátema e de que estamos duramente espiando uma pena de exílio... de qualquer benefício público. Mas daí a cometer-se semelhante atentado... Não, não posso crer. E não posso crer por honra e dignidade do meu nome de vimaranense, e até por, se bem que muito arreceie já bem públicas e comprovadas manifestações de pertinácia sobre tudo e sobre todos, confio no honesto e para a saúde dos habitantes das proximidades?

E, se a Câmara não tivesse vontade de se instalar ali, não poderia instalar-se nos Paços dos Duques de Bragança, ficando o novo edifício para as restantes Repartições, que bem necessitam duma instalação condigna?

Ficaria, assim, resolvido um problema, que tanto tem dado que falar, com uma apreciável economia para o nosso concelho.

JOAQUIM DO VALE.

A tua dor

Há meses para cá tu andas triste
E eras mais alegre de que as rolas...
Do convívio de todos já fugiste
E de silêncio apenas te consolas...

Perguntei-te o porquê e tu sorriste
E disseste baixinho: coisas tolas...
Dentro de ti um mal horrendo existe
E de mágoa, sem cura, a vida imolas...

Trazes os olhos roxos de chorar...
Quantas vezes te encontro a suspirar
Ou a enxugar os olhos ao espelho...

Tu não me enganas, não, meu grande amor,
Eu sei, eu bem conheço a tua dor:
E' de me ver's assim doente e velho...

Abril de 1952.

DELFIM DE GUIMARÃES.

Esta é que é a verdade!

Destacar com elogio o Arquitecto vimaranense que se propôs fazer, gratuitamente, um projecto para arranjo do Largo de João Franco — está certo.

O que *não está certo*, porque colide com a verdade, é em tal elogio fazer-se a afirmação — de que semelhante facto «*nunca aconteceu nesta cidade*»!

Os exemplos citados demonstram claramente que, antes do facto agora posto em relevo na local do «Comércio de Guimarães», outros ilustres artistas haviam feito projectos e dirigidas as respectivas obras de execução, *gratuitamente*.

Tudo o mais não interessa.

A. L. de Carvalho.

DAQUI NÃO SAIO...

A propósito de uma carta

Publicou este jornal, no seu penúltimo número, uma carta do ilustre vereador da nossa Câmara, sr. António Faria Martins, na qual este senhor vem prestar esclarecimentos ao público, a respeito do assunto duma local também aqui publicada.

Achamos bem e só temos que felicitar o sr. Faria Martins pela sua atitude, pois estamos tão pouco habituados a saber o que se passa pela Câmara, que ficamos agradàvelmente impressionados.

Noutros tempos, os jornais costumavam publicar um extracto das sessões camarárias, por onde podíamos conhecer e avaliar a acção municipal. Agora, tudo tem corrido quase em família, sem que o público, em geral, possa ter conhecimento daquilo que a Câmara resolve e que muitas vezes é do seu maior interesse.

O assunto que deu causa à referida carta é o Regulamento do Trânsito na cidade e o sr. Faria Martins diz-nos das dificuldades burocráticas, que tem havido, para regularizar este caso.

E', em verdade, lamentável que um trabalho tão simples, iniciado em Maio do ano passado, esteja ainda por ultimar. Por culpa da burocracia, por inércia da Câmara? Não sabemos. Consideramos, porém, que um pouco de boa vontade por parte da Câmara seria o bastante para que isto já tivesse sido resolvido.

Quanto à última parte da mencionada carta, que se refere à demolição do novo edifício dos Paços do Concelho, não podemos felicitar o seu autor. Nós contamos o sr. Faria Martins no número dos nossos amigos e pensamos, quando ele foi investido no cargo de vereador da Câmara, que seria um novo elemento esperançoso na realização da obra de que Guimarães tanto necessita, mas enganamo-nos. Foi mais uma ilusão perdida.

Desculpe-nos o amigo e sr. Faria Martins estas nossas apreciações, mas não podemos louvar a sua acção, como vereador. Nós precisamos muito de quem construa e não de quem destrua. Guimarães tem tanta necessidade de homens que a ajudem a caminhar e não a retroceder...

Vem ao caso lembrar o que aconteceu com a demolição do Palácio de Cristal do Porto. Não se atendeu à opinião pública e irreflectida e precipitadamente se destruiu uma obra que merecia ser respeitada por todos. Este facto levantou grande celeuma na imprensa diária, tendo vindo a público individualidades competentes manifestar o seu desgosto, pelo erro cometido, mas, infelizmente, já sem remédio.

Faz falta uma lei — estamos certos que a Assembleia Nacional terá necessidade, num futuro próximo, de legislar neste sentido — que, quando se cometam erros desta natureza, na administração municipal, obrigue, em qualquer altura, os culpados a responderem pelos prejuízos causados, com as suas pessoas e bens.

Estamos certos de que, se essa lei existisse, haveria mais cuidado na defesa dos bens públicos.

Individualmente, como vimaranense e contribuinte, formulo, desde já, o meu mais veemente protesto contra a demolição dos novos Paços do Concelho, por reconhecer que essa medida é contrária aos interesses do Município.

Não seria mais louvável envidar esforços para que fosse levada a cabo a conclusão do edifício, mandando-se limpar e arranjar o local que, para vergonha nossa, está convertido em lixeira, com perigo

esclarecido critério do Chefe do Governo. Mas julgo do meu dever, e esse não hesito em cumpri-lo, chamar a atenção para o caso. Sentido!

*

Um livro português

Fui dos que solicitamente aconselhei e pedi ao Sr. Co-

ronel *António de Quadros Flores* reunisse em volume as suas memórias de Africa, de que andavam dispersas por conferências interessantes e jornais, lidos com notada curiosidade, alguns fragmentos. E ainda bem que outros, com mais apertada autoridade, o estimularam no mesmo sentido, pois as *Recordações do Sul de Angola* (1914-1929) que acaba de publicar, com um prefácio do nosso notável colonialista Ex.mo General *Norton de Matos*, apresentado pela Livraria L. Oliveira & C.ª, é, mais do que uma obra de vivo interesse, magnífica e salutar lição de profissional dignidade e de carinhoso amor pátrio. Toda a acção do soldado, no ardoroso cumprimento do seu dever, não se limita, quando profícua, no momento em que a efectua, mas perdura pelo reflexo na consistência nacional, na continuidade do pátrio núcleo, na dignificação do nome e da honra do lar e da família natal. A pesada herança do nome de Portugal só se mantém viva, no que ela tem de mais elevado e puro, em grande parte e na mais estrutural, à custa de muitas dedicações fervorosas e obscuras e de muitas vidas torturadas, sacrificadas e anónimas, de que, nas páginas deste livro, não faltam, em romance vivo e em história flagrante, exemplos e lances do mais palpitante interesse. *Quadros Flores*, em quem a própria sinceridade se converte em linda arte de escrever, é tão escrupuloso e exacto na forma da narrativa que a faz passar viva e nítida a nossos olhos; e, sobre essa objectividade concreta, que nos faz sentir a Africa, a nossa Africa, em seu ambiente e costumes, com os indígenas e com os nossos continentais ali em exercício de actividade humana, domina-o um profundo sentido de espiritualidade, que nos transcende para mais alto e para mais além da hora que passa. E ficamos, depois, turbados e confusos de nos desconhecermos tanto a nós próprios do que somos nos lances em que tecemos a nossa vida nacional. Por isso escrevi que as *Recordações do Sul de Angola*, que são um bom livro, são ainda mais uma boa acção. Só um desejo e voto formulamos, para encerro destas ligeiras palavras de notícia, apenas de notícia, e é de que essa acção continue e se complete. *Quadros Flores* tem muito mais para contar e que muito importa conhecer e ouvir. Oxalá o público o saiba compreender.

TIPOGRAFIA "IDEAL"
Trabalhos em todos os géneros
TELEFONE, 4861 GUIMARÃES

Naves e arcos

O artigo aqui inserto «A Propósito das Naves de S. Francisco», deixou-me surpreso!

Pois quê! A vaga referência por mim feita quanto à data da demolição das três naves, seria motivo bastante que justificasse a atitude do Prof. António de Azevedo, que desce da sua cátedra e vem, público e raso, apregoar a fragilidade dos meus conhecimentos em arqueologia artística?!

Dir-se-á que tudo é por bem, pois não faltam expressões de bem-querença no citado artigo.

Elas, essas expressões lustrosas, lá estão, classificando a minha singela nótula histórica sobre a igreja de S. Francisco de «naturalíssimo erro», mero «erro de interpretação», simples «lapso»; de-passo que não falta ao recheio uma dose de «ilustre publicista» — cozinhado que me foi servido em Domingo de Ramos, que é de paz e concórdia entre a irmandade católica.

Simplesmente estas transcritas frases de cortesia perdem uma boa percentagem do seu valor perante este período, que tem o sabor de marmelo cru: *«erro de interpretação de quem não tenha os suficientes conhecimentos de arqueologia artística»*.

Em face disto, sou obrigado, por dignidade intelectual, a rejeitar as oferecidas atenuantes de postiço comedimento — enterrando a carapuça.

E vamos ao caso.

*

Recordemos.

Iniciadas as obras de reparação da igreja de S. Francisco, logo aos primeiros escabichamentos junto dos púlpitos, começaram de surgir elementos esclarecedores que fizeram pôr esta pergunta:

— Teria a igreja, na sua traça primitiva, três naves?

O arquitecto do Estado que dirigia a obra, pronunciou-se pelas três naves. António de Azevedo não aceitou este parecer. Só com o andar dos trabalhos esse convencimento se fez no espírito do ilustre Professor.

Recordo este caso, não para diminuir o valimento do discordante em presença do seu colega, mas para, a-propósito, recordar a consabida verdade, que é ciência de almanaque:

— Errar é próprio dos homens.

Se eu errei quanto à data da demolição das naves, outros mais categorizados e sabedores se hão enganado, à volta do mesmo assunto.

Publiquei em 1951 o VII volume de «Os Mesteres de Guimarães». António de Azevedo, no quadro das pessoas da minha consideração, recebeu esse livro, como já havia dado a recepção aos outros seis irmãos mais novos. Pois nem por isso este labor mental lhe mereceu uma palavra publicitária de aplauso. Em compensação quis agora distinguir-me com as *amêndoas da Páscoa*, assoalhando um erro de data, segundo o seu dizer autorizado.

Assim quer o Diabo os corações!

*

Mas, em verdade, está errada a data de 1748, quanto à demolição das naves?

O meu guia informativo foi um manuscrito. Não dei à efeméride o códice e a página, porque, mau grado o interesse do testemunho documental, tais esclarecimentos não estavam no manuscrito.

Hoje, porém, tanto António de Azevedo como eu, conhecemos a cópia de um contrato que logo nos esclarece em seu cabeçalho:

«...instrumento da obrigação da obra das naves».

Como se vê por estas claras e formais palavras, *a obra das naves* teve lugar em 1748.

Que obras são estas?

Eu, ignorante, *sem suficientes conhecimentos em arqueologia artística*, amparado ao manuscrito, avancei dizendo que tais *obras das naves* foram as da sua demolição.

António de Azevedo discorda, esclarecendo:

«As três naves... não são mais nem menos que os três arcos cruzeiros que terminavam no transepto».

Será assim?...

O reforço que o ilustre articulista foi buscar nos escritores P.e Torquato de Azevedo e P.e António da Costa, parecem-me frágeis.

Porquanto:

As monografias por estes sacerdotes escritas, respectivamente em 1692 e 1706, não são trabalho de arte e arqueologia. Vagamente se referem à história e arquitectura da igreja franciscana. Não aludem às suas naves, de ontem nem de hoje. E porque os dois autores — um certamente copiando pelo outro — fazem alusão às naves das igrejas da Oliveira e S. Domingos, quere do contraste concluir António de Azevedo: que a igreja de S. Francisco já não tinha em 1748 as três naves da traça primitiva.

A dedução pode falhar. Fazer finca-pé nestes escritores, só porque eles não aludem às naves, é elemento dedutivo de mera aparência. A corografia do P.e Carvalho, por ex.e, fala em seu 2.º volume na igreja de S. Francisco, em Santarém, e não se refere às suas três naves. Repito: o reforço de prova, é fraco.

*

Diz António de Azevedo que o contrato de 1748 «não especifica ser uma, duas ou três naves». E' certo. Mas alude claramente *à obra das naves*. Se a obra em referência fosse no *arco* ou *arcos cruzeiros*, mais natural seria que o contrato citasse estes pontos, base da obra a realizar.

Se este raciocínio simplista for revelador de *insuficientes conhecimentos de arqueologia artística*, julgo-o todavia ajustado à lógica.

Quero, mesmo assim, agradecer a António de Azevedo o destaque que me deu, pois bem podia, se quisesse, tê-lo destinado, há mais tempo, para aquele escritor que em 1930 firmou num pequeno guia de «A Arte em Portugal», este parecer sobre a mesma matéria:

«O antigo corpo da igreja desapareceu em absoluto».

E o citado guia encerra a nota: de que esta obra se fez em 1748.

António de Azevedo tem conhecimento desta afirmação em tal guia!

Quanto à «confusão», de *naves* com *arcos*, não é bonito procedimento que se me atribua essa «trapalhada». Embora seja aprendiz das letras, sei que um simples dicionário basta para esclarecer e fazer a destrinça.

Mas fiquemo-nos por aqui.

Os periquitos, faisões, pombas, rolas, corropiões, verdilhões, pavões, perus, garças, canários, pintassilgos, patos, cisnes, gansos, grus, galinhas, galos, corvos e toda a mais família zoológica que me rodeia, agora que o sol anima este belo quadro tão palpitante de vida, de cor, e notas musicais, contribuem singularmente para darem ao meu espírito, reflexivo e calmo, vontade para exprimir aqui este último e pacificador pensamento:

António de Azevedo que atribui aos século XV ou XVI a demolição das naves da igreja de S. Francisco, deve ter-se aproximado mais da verdade que aqueles que se fizeram eco de uma opinião contrária.

Dito isto, vou contemplar o mundo animal que me rodeia, e requere, e atrai, gratamente.

Quinta das Aves

A. L. DE CARVALHO.

A Páscoa

Triste recordação de um crime hediondo

Lições que não deviam ser esquecidas...

As festas da Páscoa são das que mais se distinguem de todas as outras festas — umas, comemorando datas alegres e festivas; outras, lembrando e solenizando actos nobres e dignos verificados no passado e que podem ser tomados como lição e modelo para as gerações do presente e do futuro; outras, ainda, que se distinam a festejar o gosto pela Vida, etc., etc..

As da Páscoa, entre as muitas maneiras de as interpretar, têm para nós um significado inconfundível, que merece profunda ponderação: — demonstração dolorosa do quanto faz sofrer moralmente hoje e sempre, a vil perseguição e o ódio incontido que no espírito de governantes e governados de então se manifestou estùpidamente, como produto de feroz egoísmo e tenaz intransigência cujo duo, aliás tenebroso, havia de gerar a tragédia do Golgotha e a aflição do remorso e do arrependimento que pôs frente a frente a Resignação e a Bondade perante a Maldade e a Cegueira dos homens.

Essa cegueira — moral — fruto da inveja, da ganância e da vaidade mesquinha, manifesta-se regra geral entre acessos delirantes de omnipotência e de orgulho tão falsos e enganosos como foi Judas, tão nojentos e repulsivos como foram os representantes de Roma em Jerusalém!

Essa cegueira tanto alenta e encoraja a sua vítima para as mais audaciosas atitudes, como em dado momento a atraiçoa, desmascarando-a, lançando-a pela borda de um abismo, atirando-lhe à cara a vergonha do seu despotismo e da sua desumanidade!

Esse exemplo ainda hoje é recordado e oxalá o seja sempre como salutar lição para os de facto bem intencionados. O povo de Jerusalém, antes de vestir de luto e de chorar lágrimas de penoso arrependimento, havia juncado o caminho, por onde Jesus passara, de flores e verdes, glorificando-o, para depois gritar, como pocesso, num ataque de furiosa loucura:

— «Crucificai-o»!

¿Culpa desse mesmo povo, simples, meio escravizado e quase miserável? Não — talvez não. Mas talvez sim dos potentados senhores que, sob a ameaça do chicote e da masmorra, de crimes políticos ou civis inconfessados, impunham à populaça as suas perniciosas vontades num assomo da gíria então corrente:

— «Mando, posso e quero»!

A lição de Jesus Cristo foi tão sublime, que outra não há na história da Humanidade.

A Sua túnica, tão disputada entre os algozes, só serviu ao seu detentor para lhe angariar pesadelos e incómodos de ordem moral tão grandes, que quase o levaram à loucura. E não digamos que isto fosse influenciado por qualquer misticismo. Aquelas sensações de tortura mental e moral não eram mais que o produto do remorso, da dor da injustiça cometida e do arrependimento tardio que nada foi capaz de suavizar.

E' que, só depois do mal feito, aquele jovem oficial começou a reflectir nas palavras e nas prédicas do grande Rabi, apercebendo-se de que o primeiro de todos os Homens não atacava o seu semelhante, não lhe queria mal algum, antes por tanto lhe querer foi terrìvelmente castigado com a Cruz!...

— «Não ames nunca, Jesus»! — foi este conselho dado a Jesus, quando ainda criança, por um Mestre muito Seu amigo.

Claro que não queria incitar Jesus ao desamor. Pretendia, sim, que Jesus se não deixasse iludir com a aparência de todas as pessoas — o que Ele não acatou por imposição da Sua infinita Bondade. Perdoou, tolerou, transigiu sempre, Senhor absoluto da Sua incomparável doutrina. Ninguém, na hora suprema, se preocupou com a questão da inteligência para o julgamento final! Quem condenou foi a Maldade, o Egoísmo e a Prepotência do homem, que para um acto de tamanha arbitrariedade e hediondez, apenas apelou para a decisão que o seu espírito aventureiro lhe ditou... — cometendo o maior crime de todos os tempos!

...Talvez para castigo nosso, ainda hoje existem espíritos aventureiros — que muitos confundem com pessoas inteligentes...

Eis, em suma, como nós interpretamos as Festas da Páscoa, sobretudo nesta época em que certos homens se comprazem em manter o orbe em constante e enervante ansiedade — numa teimosia condenável de manter a Paz, a Solidariedade e a Fraternidade Humana em alvoroço permanente.

Quanto não seria melhor que, por cima das suas vãs pretensões, colocassem a maravilhosa Doutrina de Jesus.

M. A. RODRIGUES.

COMPANHIA DE SEGUROS «IMPÉRIO»

Mais uma vez, graças à gentileza da firma desta praça, Sousa & Ferreira, L.da, nos é dado o prazer de comentar, embora ligeiramente, o Relatório da Companhia de Seguros «Império», referente ao exercício de 1951, que aquela respeitável firma representa em Guimarães.

Dissemelhante dos documentos do género, não só pela sua contextura como pela abundância de pormenores com que é focada a actividade durante 1951, o Relatório da Companhia de Seguros «Império» vem confirmar o que aqui temos escrito nos anos anteriores, isto é, que se agiganta sucessivamente, ao ponto da preferência com que é distinguida fazer com que fosse a única seguradora em Portugal que durante o ano passado maior aumento de receita processou, ou sejam aproximadamente 16.300 contos!

De indemnizações liquidou a Companhia de Seguros «Império», no decorrer de 1951, cerca de 24.300 contos, o que expressa, indubitàvelmente, o seu forte poder de solvabilidade.

As Reservas Livres foram elevadas para 15.500.000$00 Esc. e os Depósitos em Bancos firmaram-se em cerca de 24.000 contos.

Por estes números se define a sólida posição financeira da Companhia de Seguros «Império», cujas carteiras atingiram no fim de 1951, 80.000 contos!

Afastada de toda a espécie de concorrência, que a sua Administração, pela pena brilhante do seu Administrador Sr. Dr. António Garcez, vem combatendo desde há dez anos, a Companhia de Seguros «Império» impõe-se pelo próprio prestígio e pelo muito que tem feito em abono do Seguro.

Completa este ano a sua primeira década, e é tão brilhante a sua actividade desde 1942, que daqui felicitamos os seus Dig. Administradores.

Do que leio e do que penso

(Ao meu, sempre gentil, «José da Ponte»)

Em 1945, pouco após o meu perpétuo exílio, apareceu o sedutor **Eça de Queiroz, o Exilado da Realidade.**

Eu nunca fui absoluto admirador do Eça.

«Padre Allyrio de Melo» era o autor.

O recheio do livro não me prendeu tanto como o título.

Não cheguei a lê-lo todo.

Em 1948 peguei-lhe segunda vez.

Ainda escusei mais depressa.

Em 1950 fiz terceira tentativa.

Então pude notar no final dele: Meu Grande Allyrio!

* * *

Como a minha careca está cansada!

Esqueceu-me de escrever: — Uma história cheiinha de Verdade.

* * *

Em 1950, António de Eça de Queiroz veio a publicar a sua *Desafronta à memória de Eça de Queiroz*.

Não me interessou o livrinho.

* * *

Recentemente, o formidável Allyrio de Melo saltou com «A minha resposta ao Senhor António de Eça de Queiroz».

Agora, sim!

Logo o devorei todo e com prazer. Mas que prazer!

Sena Freitas criticou Guerra Junqueiro.

Este Allyrio de Melo, sobre o Eça, é superior.

A erudição e a memória do Autor, ambas acho assombrosas.

* * *

E morreu o meu conto, sem mentir.

GERESINO.

Actos de malvadez

Numa corte junto da residência da sr.ª D. Ambrosina Ribeiro Cardoso, no lugar da Corredoura, em S. Torcato, morreu envenenada uma porca.

Ao sr. Alberto Ribeiro Cardoso, do mesmo lugar e freguesia, filho daquela senhora, têm morrido envenenados vários cães, tudo revelando malvadez sem nome.

De esperar é que as Autoridades providenciem, junto das farmácias, no sentido de evitar-se a repetição destes casos deveras repugnantes, praticados com veneno que nos mesmos estabelecimentos tem de ser comprado.

Problema da Habitação

Vende-se posição de 10.ª classe com inscrição em Maio de 1948 pelo valor das cotas pagas. Esta redacção informa.

CARTA *A UMA SENHORA*

Minha Senhora

Como na minha última carta lhe dizia que «*não há tempestade sem bonança*», venho hoje informá-la de que eu próprio tive essa confirmação com um caso passado entre a minha pessoa e um amigo da minha maior intimidade. Não calcula, minha Senhora, a satisfação que tive ao encontrar-me com esse dedicado e sincero amigo, que eu supúnha ter-se esquecido de mim e por cujo motivo me sentia pesaroso e até descrente quanto à existência da Amizade dentro dos princípios em que ela — quando verdadeira — deve ser praticada e compreendida. Por isso, o amigo a quem me quero referir afastou do meu espírito a hipótese de eu continuar a considerar a sua amizade como uma folha seca que se desloca com o mais ligeiro sopro de vento. Mas não. Pelo contrário, falou-me das saudades que tinha por não ter tido, há mais tempo, a oportunidade de se encontrar comigo. Enfim, minha Senhora, apareceu-me tão saudoso, que me fez lembrar a seguinte quadra que faz parte de um livrinho intitulado «*Cantigas do Povo*». Eis essa quadra:

«A ausência tem uma filha,
Que se chama saudade,
Eu sustento Mãe e filha,
Bem contra minha vontade».

Embora se trate de uma quadra *enquadrada* em «cantigas populares», não poderemos deixar de reconhecer através da mesma que há pessoas capazes de suportar com devida resignação o sacrifício da ausência, mesmo que, para isso, tenham de sustentar dupla saudade. Assim aconteceu, com certeza, a quem cantou com o pensamento em sua mãe:

«Quando deixei minha aldeia,
Olhei para trás chorando:
Minha mãe do coração
Tão longe me vais ficando!»

Infelizmente, minha Senhora, assim acontece hoje a quem é obrigado a despedir-se, para sempre, desse ente querido chamado mãe e sobretudo quando se trata de uma como esta:

«Minha mãe era uma santa,
Por quem sempre chorarei
Porque amor igual ao dela
Nunca mais encontrarei».

Como vê, esta quadra parece revelar-nos uma excepção à regra, isto é, parece dizer-nos que nem sempre há bonança depois da tempestade, porquanto a perda de uma mãe representa a maior das tempestades para o nosso coração e não pode haver bonança para tempestades de tal natureza. Mas, minha Senhora, puro engano! Para um caso destes, a bonança consiste na resignação que cada um deve ter e, por isso, não poderemos afirmar que a regra falhou. Eu, pelo menos, assim o penso, tanto mais que já conheço os resultados da bonança e da resignação e V. Ex.ª também já deverá ter experimentado uma coisa e outra. Neste mundo estamos sujeitos à influência do destino — como já tive ocasião de dizer a V. Ex.ª, numa das minhas cartas — o qual tanto nos pode proporcionar satisfação e alegria como descontentamento e tristeza. Porém, minha Senhora, mandemos a tristeza para o diabo que a leve — como diz a cantiga — e vamos suportando o calvário da vida com a bonança e a resignação, respectivamente, das grandes tempestades e dos grandes desgostos.

Até outra vez e muito obrigado...

De V. Ex.ª
Cd.º Ven.or e Obg.º

Abril de 1952.

X.

P. S. — Algumas trocas de palavras se notaram nas duas últimas cartas, mas talvez a minha caligrafia fosse a principal culpada. Por isso, sou eu quem pede desculpa.

X.

Franclim

o valoroso e popular jogador do "Vitória"

tem a sua festa de homenagem no próximo domingo, 27

Franklim Barbosa de Oliveira, ou simplesmente o Franklim do Vitória, como é conhecido, vai ter no próximo domingo a sua festa de homenagem — e diga-se desde já que dela é bem merecedor. Assim o entenderam a direcção do Vitória e um grupo de admiradores do simpático e correcto jogador, os quais não se poupam a esforços para que a iniciativa resulte, na verdade, numa grande manifestação de apreço a quem, como o atleta referido, tem procurado servir o seu Clube com verdadeira dedicação, mantendo, além disso, uma linha de conduta digna de todo o elogio.

Franklim que é, sem favor, um nome grande do futebol nacional, que pode considerar-se um dos mais habilidosos praticantes que têm passado pelos campos portugueses em todos os tempos, merece, na verdade, a estima dos vimaranenses, pois muitas têm sido as vezes em que, com o seu valor e o seu saber, largamente tem contribuído para tardes de glória do Clube que briosamente serve há já bons anos — o Vitória.

A sua festa, queremos crê-lo, vai, por isso, ter assistência numerosa, tanto mais que ela é constituída por um programa atraente, capaz de a todos fazer passar algumas horas agradáveis.

A «Velha Guarda» do Sporting de Fafe, companheiro de tantas lutas memoráveis e sempre ardorosas mas correctas, em homenagem a Franklim, jogará com a «Velha Guarda» do Vitória, finalista da Taça de Portugal em 1942, sendo este só por si espectáculo capaz de fazer deslocar à «Amorosa» muitos adeptos do desporto-rei, que não esqueceram ainda os ídolos de há uma dezena de anos.

Mas o Boavista, que no Campeonato Nacional há pouco terminado tão brilhantemente se classificou, quis, também, dar o seu concurso à festa de Franklim, defrontando nesse dia o Vitória, o que constitui, sem dúvida, acontecimento desportivo digno de realce.

Por tudo, pois, o Campo da Amorosa registará no domingo farta concorrência, demais sabido que o resultado líquido do festival reverte a favor do homenageado — desportista valoroso e dedicado e bom chefe de família.

Transcrições e Apreciações

Foram motivo de transcrição e de elogiosas referências por parte de alguns nossos colegas de Silves, Portalegre, Lisboa e outras localidades, os artigos que publicámos, dos nossos ilustres colaboradores M. e do autor da secção *Vária* e Joaquim do Vale, acerca do Estadista Doutor Afonso Costa e do tão falado crime de Cascais.

Recebemos, também, inúmeros pedidos de exemplares do *Notícias* em que tais artigos foram publicados, tendo-se por isso esgotado as edições respectivas, o que nos impossibilitou de atender muitas das solicitações que nos foram feitas.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 21, os nossos bons amigos srs. João António da Silva Guimarães e José de Freitas e o também nosso bom amigo e ilustre conterrâneo residente em Paris, sr. Joaquim Novais Teixeira; no dia 22, as sr.as D. Maria Emília de Freitas Saraiva, D. Aurora S. Soares Peixoto, de Gémeos, e D. Maria Maximina da Silva Martins Baptista de Abreu; no dia 23, mademoiselle *Irene da Costa Correia, filha do nosso amigo sr. Francisco Correia, digno chefe da P. S. P. aposentado, e os nossos prezados amigos srs. Fernando Ribeiro Martins e José Sílvio Pereira de Freitas; no dia 24,* mademoiselle *Maria Sofia Ribeiro Jordão; no dia 25, os nossos prezados amigos srs. João Mendes Fernandes, João Paulo M. da Silva e João Bernardino Marques Júnior, de Balazar, e o menino Adão Fernando Moreira de Figueiredo, filho do nosso amigo sr. António Moreira Sampaio; no dia 26, o nosso prezado amigo sr. Camilo Nogueira da Costa e a interessante menina Maria Isabel Moniz Lima, filha do nosso prezado amigo sr. António de Sousa Lima; no dia 27, o nosso prezado amigo sr. Ezequiel de Sousa e a sr.ª D. Maria Luísa da Cunha Ribeiro, esposa do nosso amigo sr. Joaquim da Costa, de Covas.*

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

No dia 22, completa uma primavera o menino António Manuel, filho do nosso amigo sr. Manuel de Sousa Oliveira e de sua esposa a sr.ª D. Isabel Martins da Costa Oliveira.

Muitos parabéns.

Partidas e chegadas

Regressou de S. Tomé, o nosso prezado amigo sr. Adrião Abílio Saraiva Martins.

— Com sua família regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. dr. Joaquim de Oliveira Torres, ilustre Professor do Liceu de Guimarães.

— Regressou de Fão o nosso prezado amigo e também distinto professor do mesmo estabelecimento de ensino, sr. P.e Avelino Pinheiro Borda.

— Deu-nos o prazer de sua visita o sr. Tenente António Coelho, muito digno Delegado dos Serviços de Censura em Braga.

— De visita a sua família esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e distinto clínico em Coimbra, sr. dr. Francisco Joaquim de Freitas Pereira.

— Deu-nos o prazer de sua visita o nosso bom amigo e distinto Pianista-Compositor, Prof. Eurico Tomás de Lima.

— Partiu para o Rio de Janeiro, onde vai dedicar-se ao comércio e veio apresentar-nos seus cumprimentos de despedida, o nosso bom amigo sr. António Fernandes, de Creixomil, a quem desejamos boa viagem e muitas felicidades.

— Estiveram nesta cidade os nossos prezados amigos srs. dr. João Carlos de Sousa Vaz Vieira, Manuel de Sousa Guise, António José Ribeiro, dr. Porfírio Henrique de Almeida Carneiro, Gaspar da Silva Calixto, Aníbal de Magalhães Machado e Alberto Teixeira de Faria Andrade.

— Esteve nesta cidade a distinta Professora sr.ª D. Arlinda Leite de Carvalho Araújo.

Operação

No Hospital da Ordem do Carmo, no Porto, foi submetido a uma melindrosa intervenção cirúrgica, que decorreu com êxito, o nosso prezado amigo sr. António Lage Jordão, que vai a melhor dos seus incomodos.

Desejamos o seu breve restabelecimento.

CASAMENTOS

Na capela da Casa da Quintã, propriedade dos pais da noiva, realizou-se ontem o casamento da gentil menina D. Maria de Belém Teixeira Carneiro de Oliveira, com o sr. Francisco José da Cruz Pereira Mendes, filho do nosso amigo sr. Francisco de Assis Pereira Mendes e de sua falecida esposa a sr.ª D. Aida Cruz Pereira Mendes.

O acto religioso foi celebrado por S. Ex.ª Reverendíssima o Senhor Bispo da Guarda, que proferiu uma formosa alocução, tendo servido de padrinhos os pais da noiva sr. Belmiro Mendes de Oliveira e sr.ª D. Maria Beatriz Teixeira Carneiro de Oliveira, e avó e pai do noivo, a sr.ª D. Eulália Cruz e sr. Francisco de Assis Pereira Mendes.

Aos lavabos serviram os srs. Padre José Carlos Simões de Almeida, Párocos de S. Paio e Azurém, Revs. Padres Luís Gonzaga da Fonseca e José Fernandes Ribeiro; srs. José Figueiras de Sousa, António José Pereira Rodrigues e Gustavo Martins, os pais dos noivos e sr. José Maria Leite e os tios dos noivos, srs. José da Silva Gonçalves, Manuel Pereira Mendes e Bráulio Teixeira Carneiro.

As alianças foram conduzidas pela irmã do noivo, a menina Isabel Maria Andresen Pereira Mendes, e o véu da noiva pelas meninas Maria Fernanda de Oliveira Pereira e Maria Cristina Gonçalves Vieira de Castro.

Na capela lindamente decorada a flores brancas fez-se ouvir ao harmonium o Rev. Padre Manuel Borda.

Terminada a cerimónia teve lugar o almoço primorosamente servido pela Confeitaria Arcádia, do Porto, espalhando-se os numerosos convidados e pessoas de família em animada festa pelas salas e formosos jardins da magnífica residência da Quintã.

Numa sala decorada a damasco uma infinidade de valiosas prendas constituia a preciosa *corbeille* dos simpáticos noivos, que partiram de automóvel em viagem de núpcias e aos quais desejamos as maiores venturas.

— No pretérito dia 5 e no Santuário Eucarístico da Penha, celebraram o seu casamento, no decorrer de uma cerimónia com carácter muito íntimo e que foi presidida pelo Rev. dr. José de Jesus Ribeiro, Prior da freguesia de S. Sebastião, o sr. Luís Gonzaga Xavier Fernandes Gomes, filho da sr.ª D. Maria da Glória Xavier Fernandes e de seu marido o sr. Bráulio Duarte Gomes, da freguesia de Brito, e a sr.ª D. Laura Beatriz Maria Ribeiro Vieira de Andrade, filha da sr.ª D. Beatriz da Anunciação da Costa Ribeiro, Professora do Ensino Oficial e de seu marido o distinto oficial do exército, sr. Capitão Domingos José Vieira de Andrade.

Paraninfaram o acto por parte do noivo, seus pais, e por parte da noiva, sua avó a sr.ª D. Laura da Luz da Costa Alves e seu tio o sr. António Emílio da Costa Ribeiro. As alianças foram conduzidas pela menina Maria do Céu Fernandes Teixeira Marques, sobrinha do noivo.

Após a cerimónia religiosa foi servido um primoroso almoço no Hotel da Penha, trocando-se afectuosos brindes.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

— Na maior intimidade realizou-se no dia 5 do corrente, no Santuário de Nossa Senhora da Assunção, em Santo Tirso, o enlace matrimonial do estimado industrial vimaranense sr. Adão Torcato Ribeiro de Almeida, filho do nosso prezado amigo e importante industrial sr. José Torcato Ribeiro Júnior e de sua esposa a sr.ª D. Maria da Madre-de-Deus Almeida, com a gentil sr.ª D. Maria Fernanda Ferreira de Oliveira, filha do também nosso prezado amigo e importante industrial em S. Martinho do Campo sr. Abílio Ferreira de Oliveira e de sua esposa a sr.ª D. Maria da Conceição Ribeiro Oliveira, recentemente falecida.

Testemunharam o acto por parte da noiva, os seus padrinhos de baptismo o sr. Manuel de Sousa Oliveira e esposa, e por parte do noivo, o seu íntimo amigo sr. Joaquim Rodrigues Guimarães e esposa, de Santo Tirso.

Aos noivos, que vão fixar residência em Santo Tirso, desejamos muitas felicidades.

BAPTIZADOS

Na Igreja paroquial de S. Torcato baptizou-se solenemente no sábado de aleluia um filhinho da sr.ª D. Maria Eugénia Guimarães Coimbra Pimenta Machado e de seu marido o sr. António Alberto Pimenta Machado, que recebeu o nome de Rui Alberto.

Foram padrinhos, o avô paterno, o sr. Comendador Alberto Pimenta Machado e a avó materna sr.ª D. Etelvina Guimarães Coimbra.

— No mesmo dia e no templo da Misericórdia, servindo de paroquial de S. Paio, baptizou-se solenemente uma filhinha da sr.ª D. Alzira Matos Laranjeiro Pita da Costa e de seu marido o sr. dr. Alberto Pita da Costa, Juíz de Direito na comarca da Póvoa de Lanhoso, que recebeu o nome de Maria José.

Foram padrinhos S. José e a tia materna da criança, a sr.ª D. Emília de Matos Laranjeiro.

— Na Igreja paroquial de S. Miguel de Creixomil, baptizou-se no passado dia 6, um filhinho do comerciante de carnes verdes, sr. António de Castro e de sua esposa a sr.ª D. Albertina Pereira Mendes de Castro.

Foram padrinhos da criancinha, que recebeu o nome de Felicidade Maria, o sr. Francisco Dias Martins e sua esposa a sr.ª D. Felicidade da Silva Guimarães.

Vida Católica

Festividades e Romaria de Nossa S.ª da Madre-de-Deus

No pitoresco lugar do mesmo nome, na freguesia de Azurém e a pouca distância da cidade, realiza-se no próximo domingo com muito brilho a tradicional Romaria de Nossa Senhora da Madre-de-Deus, que costuma atrair muita gente da cidade e redondezas.

No dia 18 pelas 20,30 na Igreja de Santo António dos Capuchos deu-se início à novena preparatória para a festividade, com prègação pelo rev. Dr. José de Jesus Ribeiro.

No sábado, dia 26, haverá conclusão da novena e coroação da Imagem às 21 horas. Imediatamente se organizará uma vistosa procissão de velas que sairá da mesma igreja com as imagens de N. S.ª da Madre-de-Deus e N. S.ª de Fátima, para a capelinha de N. S.ª da Madre-de-Deus onde haverá, à chegada apoteose a Nossa Senhora.

Queimar-se-á, então, algum fogo de artifício.

O programa de domingo, 27, é o seguinte: Às 10,30 Missa Cantada e sermão pelo Rev. Dr. Antonio de Castro Mendes, distinto orador sagrado. A parte coral está confiada ao Grupo de Santa Cecília.

À tarde, junto da Capelinha, haverá arraial, com música e fogo.

Visita Pascal nas freguesias

Em todas as freguesias do concelho a tradicional Visita Pascal decorreu com alegria e brilho, tendo-se ouvido tanto no domingo como na segunda-feira o estralejar de muitos foguetes.

Nossa Senhora do Socorro

A Irmandade de Nossa Senhora do Socorro, erecta na Igreja de S. Francisco, manda celebrar no dia 21, às 7,30 horas, a missa estatutária em honra da sua Padroeira e no seu altar privativo.

Festividade em honra de Nossa Senhora dos Prazeres

Na forma dos anos anteriores e em conclusão das novenas que têm estado a decorrer desde o dia 12, efectua-se amanhã, 2.ª-feira, com muita imponência, no templo dos Santos Passos, a festividade em honra de Nossa Senhora dos Prazeres, que constará do seguinte programa:

A's 11 horas, Missa Solene; de tarde, às 17 horas, Exposição, Vésperas Solenes, Sermão e Bênção do SS.mo Sacramento, seguindo-se a Ladaínha junto do Trono de Nossa Senhora.

O templo ostentará luxuosa decoração da Casa João Augusto Passos.

Falec. e Sufrágios

D. Narcisa de Jesus de Freitas Machado

Tendo passado ontem o 1.º aniversário do falecimento desta veneranda senhora, que foi proprietária

do nosso prezado colega «O Comércio de Guimarães», celebrou-se por sua alma e em comemoração da lutuosa data, uma missa, no templo da Misericórdia.

Além da família dorida estiveram presentes ao acto muitas senhoras e cavalheiros das suas relações, que oraram pelo eterno descanso da saudosa centenária.

Dr. João Luís Caldas

Faleceu em Monção, terra da sua naturalidade, para onde havia sido transportado, há dias, do Hospital da Misericórdia de Guimarães onde esteve internado, o Rev. dr. João Luís Caldas, que era formado em Direito e que nesta cidade viveu durante muitos anos, tendo dado bastante incremento à extinta Juventude Católica de Guimarães.

Manuel San Miguel Oliveira

No Instituto Nun'Alvares das Caldas da Saúde, em Santo Tirso, que frequentava com muita distinção e grande fervor sacerdotal, finou-se no dia 12 e confortado com todos os Sacramentos da S. M. Igreja, o sr. Manuel San Miguel Oliveira, Religioso da Companhia de Jesus, filho muito querido do nosso prezado amigo e antigo Chefe da Estação do caminho de ferro de Guimarães, sr. David dos Santos Oliveira e de sua esposa.

O extinto contava 33 anos e, se a doença que o acaba de vitimar o não tivesse surpreendido, obrigando à suspensão dos seus estudos, celebraria no corrente ano a sua Missa Nova.

No Instituto Nun'Alvares e anteriormente no Seminário da Costa, onde também estudou, todos os colegas e superiores o tinham na conta de um religioso excepcional, dotado de muitas virtudes.

A seus desolados pais apresentamos as mais sentidas condolências. (Ver Beneficência do «Notícias»).

Luto

Pelo falecimento de uma sua tia, guardam luto os nossos prezados amigos srs. José Machado Teixeira e Carlos Machado Teixeira, aos quais apresentamos condolências, assim como à restante família dorida.

TEATRO JORDÃO

HOJE, A'S 15 E 21,30 HORAS

APRESENTA

A inesquecível intérprete de «Belinda», Jane Wyman

O VÉU AZUL

com

Jane Wyman - Charles Laughton

Qual a verdadeira mãe duma criança? A que lhe deu a vida ou a que lhe dá o amor?

TERÇA-FEIRA, 22 -- A'S 21,30 HORAS

TARZAN EM PERIGO

com *Lex Barker - Virgínia Huston*

A mais sensacional aventura no coração da Africa selvagem!

QUINTA-FEIRA, 24 -- A'S 21,30 HORAS

O êxito mais extraordinário de todos os tempos!

VIDAS SEM LUZ

com *Arturo de Cordova* e *Zully Moreno*

O fime que alcançou em todos os paises um êxito igual a «DEUS LHE PAGUE»

SÁBADO, 26 -- A'S 21,30 HORAS

171 *Em Sessão Popular*

O Fidalgo Aventureiro

com *Jonh Carrol - Adele Mara*

Brevemente:

«EVA» — «CUIDADO, RAPAZ»

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Transporte . . .	1.504$50
Recebemos mais do sr. Herculano Dias Queirós, para uma pessoa necessitada, que indicou	20$00
David dos Santas Oliveiveira, de Lisboa, sufragando a alma de seu filho	20$00
A transportar . . .	1.544$50

Em nome dos contemplados os nossos agradecimentos.

NOVA FEIRA DE GADO BOVINO

Inaugura-se no próximo domingo e com muita solenidade, no lugar de Atim, freguesia de Infias, a nova feira anual de gado bovino, em que serão conferidos prémios aos melhores expositores.

Uma Comissão de indivíduos, de que faz parte o importante proprietário sr. Manuel Fernandes Porto, procura imprimir àquele novo certâme o maior brilho possível.

Caiu muito granizo que causou estragos

Sobre a região pairou, na tarde de quinta-feira, uma violenta trovoada, acompanhada de fortes aguaceiros.

Em alguns pontos caiu grande quantidade de granizo que partiu muitos vidros e causou estragos nas vinhas.

Em Ronfe, Brito, Ponte de Serves, Taipas, Sande, etc., os prejuízos foram consideráveis segundo as informações que vieram até nós.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato, Telef. 4250.

Páscoa florida

Por toda a parte despontou já a jovem verdura, que tão exuberante como promissora, dá aos prados a impressão subtil de esverdeados tapetes de veludínea selva; as primeiras flores surgem de cores múltiplas e mimosas, sob a ascenção de um sol em pleno céu, que pouco a pouco vai despedindo as últimas borrascas invernais, e a bruma já tempera os vários pontos da terra flagelados pelas neves — operando-se assim o retorno ofensivo do inverno.

O calendário, no seu rítmico e implacável avanço, sempre indiferente a todas as nossas veleidades ou pretenções caprichosas, apresenta-nos agora Abril — segundo mês de primavera, em que dois mensageiros emblemas da alegria chegam: — A Andorinha e o Cuco, como que para confrmar um preságio feliz, de que algumas nuvens negras nos fazem ainda duvidar.

Assim, e com o decorrer quase que insensível do tempo, se veio aproximando, uma vez mais, a data de uma das mais encantadoras festas do Redentor — A Páscoa da Ressurreição.

Terminou, enfim, o período quaresmal, com o que desapareceu também a tristeza do quadro da paixão.

Agora, tocam os sinos aleluias e as campaínhas, num bimbalhar constante, anunciam-nos, do Redentor, a visita pascal, que se aproxima de nossas casas, por entre flores e bênçãos, nesta quadra mais linda do ano.

Páscoa de 1952.

ALEX.

Câmara Municipal

A Câmara em sua reunião ordinária de quarta-feira deliberou: promover a venda em hasta pública de algumas casas do Bairro Económico da Arcela para, com o seu produto, se construirem novas moradias, devendo para tal fim ser pedida superiormente a respectiva licença; adquirir ao sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas e esposa 13.927 metros quadrados de terreno para ampliação do Bairro de Casas para pobres, a construir no lugar da Mãe d'Agua; promover a venda, também em hasta pública, de alguns talhões de terrenos da Avenida Eng.º Duarte Pacheco, para ali serem levadas a efeito novas construções.

Festa de Confraternização

Reina grande entusiasmo entre as antigas alunas do Colégio de N. S.ª da Conceição por motivo da festa de confraternização marcada para o dia 23, com o seguinte programa: Missa, que será celebrada pelo Rev.mo Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, Bispo da Guarda; almoço de confraternização e sessão solene.

O número de pessoas inscritas é, segundo nos informam, muito elevado.

EXPOSIÇÃO

Com a presença dos srs. Delegado do I. N. T., Presidente da Delegação da F. N. A. T. e autoridades locais, é inaugurada, hoje, nos Stands do Mercado Municipal, a exposição dos trabalhos dos filiados no Centro de Recreio Popular da F. N. A. T., secção de Guimarães, os quais se destinam ao grande certâme que se realiza na Capital.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

TELE { fone, 4609 / gramas: CARI

PEVIDÉM — PORTUGAL

CASIMIRO RIBEIRO
OBRAS PÚBLICAS · EDIFICAÇÕES GERAIS

SE SOIS SENSATOS

E ACREDITAIS QUE A HONESTIDADE NÃO É LETRA MORTA, OUVI...

... UMA LEMBRANÇA

O MEU ORÇAMENTO NÃO CUSTA DINHEIRO

... UMA OPINIÃO

NÃO O DISPENSEIS PARA DECIDIR SOBRE A ADJUDICAÇÃO DA VOSSA OBRA.

69 CARI AGUARDA-VOS

O CALÇADO IDEAL PARA CRIANÇAS

ANDA MUITO
BRINCA MUITO
DURA MUITO...

126

UM EXCLUSIVO DA "SAPATARIA LUSO"

Um violento incêndio em URGEZES

Na freguesia de Santo Estevão de Urgezes, a 3 quilómetros de Guimarães, manifestou-se pouco depois das 2 horas da madrugada de 3.ª feira um violento incêndio num prédio de andar e rés do chão onde estava instalado um armazém de vinhos e mercearia pertencente ao conhecido negociante vimaranense sr. José Teixeira, que no andar superior residia com sua família.

Na estrada passava um automóvel que conduzia uma família desta cidade que logo retrocedeu e foi dar o alarme à corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães. Dali saiu um pronto-socorro mas, chegado ao local verificou que as chamas envolviam assustadoramente todo o vasto prédio. Reclamados novos socorros para ali seguiam mais 3 viaturas que transportaram moto-bombas e outro material.

O fogo, cujas causas se ignoram, principiou num barracão contíguo àquele prédio, comunicando-se depois, ràpidamente, ao armazém de vinhos que dentro em pouco era pasto das chamas.

Os Bombeiros Voluntários de Guimarães que lutavam com falta de água tiveram que ir buscá-la a 600 metros de distância.

Os serviços de ataque ao fogo foram dirigidos pelo comandante daquela corporação sr. Alberto Augusto de Matos Vasconcelos.

Os géneros de mercearia ficaram na sua quase totalidade inutilisados e do Armazém de Vinhos salvaram-se apenas duas ou três pipas.

Todo o recheio da casa, que era valioso, ficou destruido pelo fogo.

Numa pequena mala estavam guardados vinte e um mil escudos, em notas, que o fogo devorou assim como numerosas moedas. Desapareceram também no decorrer do sinistro, muitos objectos de ouro: libras, aneis, fios, um relógio com corrente de ouro e outras jóias.

Do prédio incendiado ficaram apenas as paredes, sendo os prejuisos avaliados em uns 300 mil escudos, estando cobertos pela Companhia de Seguros A Mundial de que o sr. José Teixeira era Agente na Freguesia.

No local do incendio compareceu a G. N. R.

Às nossas gentis Leitoras

A CASA JAIME vende finíssimos perfumes, brilhantinas, cremes, rouges e batons. Lindíssimos e encantadores objectos para brinde. Modernas luvas e meias. Prefiram V. Ex.as nas suas compas a CASA JAIME, ao Toural. 39

DE CONTENTE QUANDO É CALÇADO POR

Superius

AFAMADO CALÇADO PARA CRIANÇAS

O CALÇADO Superius é um rigoroso exclusivo da

SAPATARIA VIMARANENSE

78 — RUA DA RAINHA — 82

Telefone 40145

GUIMARÃES

Ofertas e Procuras

VENDE-SE

Raspa para plantações e **pontas de chifre de boi e vaca para cutileiros.**
As melhores qualidades aos melhores preços. Informam nos baixos desta Redacção. 149

VENDEM-SE

Licenças de aluguer para automóvel com estacionamento em S. Torcato e Guimarães.
Informa Agência Automobilista Vimaranense — Rua Gil Vicente, 14 — Telefone, 40246. 166

ESCRITÓRIO

Aluga-se, no Largo do Toural. Informa-se na Redacção. 150

Aluga-se O 2.º andar do novo prédio da Rua do Anjo, 31, próximo do Toural. Também se aluga a loja do mesmo prédio. Falar CAMISARIA MARTINS. 159

CASA Aluga-se com quintal e quarto de banho, nesta cidade. Esta Redacção informa. 157

Aos Industriais

Oferece-se para mestre, fiandeiro de Fiação média até 10.000 fusos e prova habilitações. Esta redacção informa. 170

PASSA-SE

Por motivo de retirada passa-se o talho de carnes verdes em Urgezes. Informa Rua da Madrôa, 6 — Guimarães. 138

Máquinas de escrever

Compram-se em segunda mão mas em bom estado.
Nesta redacção se informa. 177

Casa em Urgezes
(Castanheiro)

Aluga-se, mobilada ou sem mobília, com 5 divisões, sótão, com quarto para criadas, água encanada e luz, horta, garagem e telefone de favor, do senhorio.
Falar com José Teixeira, em Moreira de Cónegos, ou pelo telefone 40135. 131

CASA — Aluga-se

Sita na rua de Camões. Dois andares, podendo o primeiro ser utilizado para comércio.
Informes — Largo 28 de Maio n.º 83 176

Agente Para esta cidade para negócio rendoso, de preferência funcionário público bem relacionado. Escrever para J. Gaspar — Trav. do Carmo, 13-1.º — Porto. 178

A LOÇÃO
«MIN-HOR»

Conserva a juventude do cabelo; não o deixa embranquecer — e a quem tenha o cabelo grisalho ou branco em 10 a 15 dias, a Loção «MIN-HOR» restitui-lhe a cor que tinha dantes. E' inofensiva.

/// 119

Vende-se nas boas farmácias, drogarias e perfumarias.

EM GUIMARÃES:
FARMÁCIA «HÓRUS»

Luís Garcia Martins

Agradecimento

A família do saudoso extinto na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que lhe apresentaram condolências ou tomaram parte no funeral, vem por este meio cumprir o dever de manifestar-lhes, pùblicamente, o seu indelével reconhecimento por tão expressivas manifestações de amizade que jamais poderá esquecer.

Guimarães, 16 de Abril de 1952. 174

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Hoover

ECONOMIA
RAPIDEZ
HIGIENE

Peça uma demonstração, sem qualquer compromisso, à Firma

A. Gouveia

AVENIDA CONDE DE MARGARIDE
STAND N.º 3 — Tel. 40133

PULVERIZADORES DE PRESSÃO

Srs. Agricultores!

Prefiram os pulverizadores «CARDOSO», por serem os únicos que lhes convém. E convem-lhes porque o seu funcionamento é tão prático que qualquer pessoa o pode manobrar com certa facilidade. O pulverizador de pressão «CARDOSO» não precisa de válvulas de segurança nem de manómetros para regular o ar.

O seu fabrico está feito de acordo com o peso máximo do ar e por tal motivo não tem complicações, tornando-se completamente isento de consertos e avarias. O pulverizador «CARDOSO» é o mais prático, o mais económico e o mais seguro que até hoje se tem fabricado.

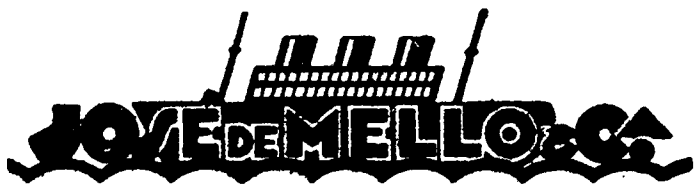
Peçam uma demonstração ao seu fabricante:

José Ribeiro Cardoso

SENHORA APARECIDA — DOURO 115

Agentes Transitários e Camionistas

Entarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.
Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: *Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO*

com *Armazém de Retem e Depósitos*

(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS: 14

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

BATATA DE SEMENTE

Estrangeira Certificada

Arran-Banner e **Up-To-Date**

Irlandesas

ADUBOS - QUÍMICO - ORGÂNICOS «SEIVA»

para todas as culturas

Vinhos tintos e brancos engarrafados e de pipa da afamada região de Basto — da Quinta da «Avelosa»

PULVERIZADORES DE PRESSÃO "BROWN'S"

para a agricultura de fabrico Americano

Estes pulverizadores reunem três qualidades que os tornam verdadeiramente insubstituíveis: Fácil manejo, jacto contínuo ou alternado com economia e resistência ao desgaste, depósito construído em latão galvanizado. Capacidade de carga 18 litros de calda. Um pulverizador que honra o fabrico da Empresa 'Sprayer — Rechester — New-York.

Vende aos melhores preços o seu proprietário

JOÃO PASSOS BASTOS

nas suas instalações sitas no

LARGO DO TROVADOR N.os 38 a 45

nesta cidade. 175

ESTE ANO COMEMORA A SAPATARIA LUSO AS SUAS BODAS DE PRATA
1927-1952

Um quarto de século de bem servir Uma glória para esta casa, e uma garantia para quantos preferem o calçado da Sapataria Luso. 96

MALAIA é a marca da camisa que V. Ex.ª deve preferir. Medidas garantidas. Corte impecável. Camisas de todas as qualidades e preços. MALAIA é um exclusivo de «A Imperial» — Rua de Santo António, 32-34 — Telf., 40157 — Guimarães.

Anuncial no Notícias de Guimarães